

SBZ



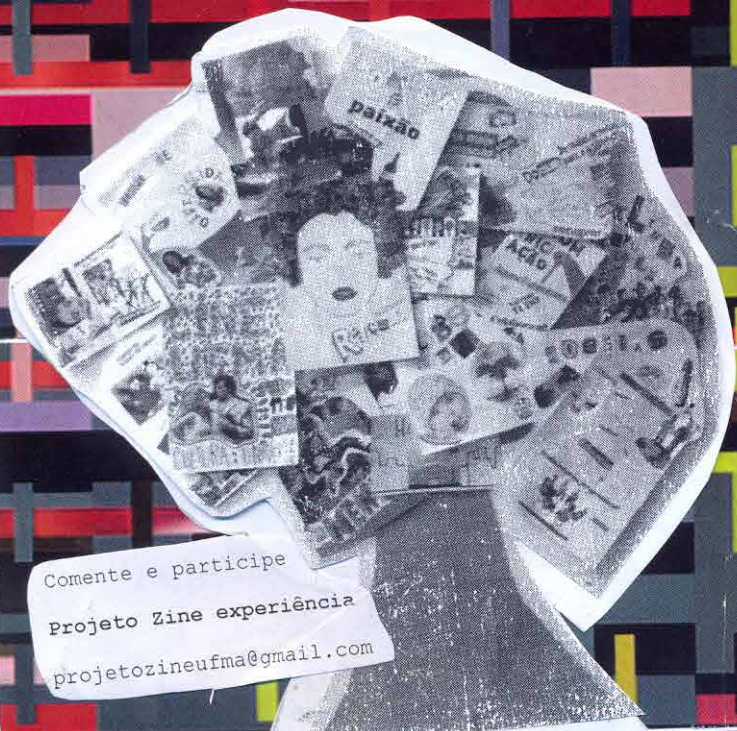
Zine dos
estudantes
do Curso de
Jornalismo
da UFMA //
Imperatriz
Maranhão
// Número 0
\\ Dezembro
de 2014.

PRA COMEÇAR

Eis que o Sibita tomou forma, magrinho, conforme o significado do seu nome, e recheado de coisas gostosas sobre a cidade de Imperatriz. Ele foi nascendo da vontade de falar do que se passa por aqui. Ou bem aqui (rsrsrs). Cidade cheia de forasteiros, de mistura de cultura. Tudo bem cozido pelo clima "temperado", temperado com calor.

O que se passa nestas páginas é um experimento, que começou com a fusão dos sonhos dos integrantes da equipe. Cada um pensou em uma forma de falar sobre a cidade. O resto foi muito foliar, procurar, recortar, colar, descolar, diagramar, colar de novo, ajeitar e pensar, pensar muuuuito.

É que ter liberdade dá trabalho, é conquistada com iniciativa, responsabilidade e cooperação. Assim, o espaço para expressão fica infinito. Esse espírito fez o sonho chegar às suas mãos e agora a gente pode falar das coisas nossas. Pra não esquecer um bom clichê, só basta dizer "que seja infinito enquanto dure".



Comente e participe

Projeto Zine experiência

projetozineufma@gmail.com

Camila Saraiva
Amante de culinária e arte. Gaúcha.
Temporariamente maranhense.

Danielly Daissak
Acredita na liberdade que o conhecimento
proporciona.

Fernando Aquino
Jornalista formado. Corintiano.
Esquizofrênico.
Fã de Los Hermanos. Necessariamente nessa
ordem.

Idayane Ferreira
Gosta de tanta coisa mas não cabe nestas
linhas.

Juliana ou Juju de Sá
Escreve o mundo com poesias.

Kelly Saraiva
Aprendendo ser gente desde 1986.

Lanna Luiza
"Fulôzinha" multicolorida. Zineira por
paixão, vive sem pressa e sem amarras.

Leticia Holanda
Acredita que o futuro ainda está
nas mãos da educação.

Prazer, Regilson Borges!
Aprendiz de foca mode on.

Rhaysa Novakoski
Apaixonada por Jornalismo e outras muitas
coisas. Por dentro do casulo é o caos em
busca de ordem.

Ruann Carlos
Aquele que não sabe falar de si mesmo.

Thayná Freire
A princípio comum, mas tem a capacidade
de gostar das coisas mais improváveis.

Vanessa Carvalho
Apaixonada pela simplicidade. Vive a vida
ao som de Beatles.

Vanessa de Paula
Gosta de contar histórias que ouve por
aí.

Yara Medeiros
jornalista, professora e inventadeira
de moda por medo do tédio. Acredita
que viver é conhecer.

Yasmin Silva
De poucas palavras, prefere ilustrar.

Aviso aos navegantes

Esta publicação faz parte do projeto
Zine Experiência - revista artesanal.
É produzido por estudantes de Jornalismo
da UFMA, em Imperatriz e colaboradores,
sob a orientação da professora Yara
Medeiros.
Esta atividade laboratorial busca
aprimorar
a prática do jornalismo impresso
e do design editorial. As informações
expressas não representam a opinião
da instituição e são de responsabilidade
de seus autores.

Agradecimentos

A todos que participaram dos
encontros e trouxeram ideias
para nosso recheio.

A Rhassam Novakoski desde já intimado
a ilustrar nossas próximas edições.

Ao professor Alexandre Maciel
nosso primeiro leitor.

Café

na

rua

Típico café da manhã imperatrizense

São seis da manhã e o movimento nas ruas da cidade começa. Em várias esquinas do centro ou de bairros mais simples, mesas em frente a algumas casas servem um típico café da manhã que já faz parte do cotidiano imperatrizense.

Com cadeira ou sem cadeira, trabalhadores e estudantes fazem desses locais sua primeira parada antes de ir ao seu destino. Dona Maria, moradora do bairro Bom Sucesso, trabalha há três anos com a venda de café da manhã na esquina da Rua Petrônio Portela e têm feito disso sua principal fonte de renda.

Os alimentos que compõem o café da manhã vendido nas mesas de rua são:

Bolo de puba
Bolo de milho
Bolo de arroz
Bolo de tapioca
Bolo frito

Bolo de leite
Pão de queijo
Cuscuz
Beiju

Bolo de leite

Rendimento: 10 porções

Tempo de preparo: 1 hora

- 3 xícaras de farinha de trigo sem fermento
- 2 colheres de sopa de manteiga
- 2 xícaras de açúcar
- 1 litro de leite
- 4 ovos
- 1 pitada generosa de sal

MODO DE PREPARO

No liquidificador bata os ovos; Passe as gemas pela peneira; Misture a manteiga, o açúcar e coloque a farinha e o leite aos poucos e bata tudo no liquidificador; Unte a forma (de furo no meio de preferência) com manteiga e farinha de trigo e coloque a massa; Asse em forno médio, pré-aquecido, por cerca de 40 minutos, ou até dourar.

Camila Saraiva

A passarinha da passarada,
magrinha mas bem recheada:

SIBITA!



Yasmin Silva

PEIXE



VINIL

Vanessa Carvalho

Na esquina, em frente à simpática praça da União, existe um lugar de clima caseiro. "Está tudo all right?" - sorri e pergunta o garçom enquanto serve uma porção de carne de sol e uma cerveja bem gelada. Há ainda ao fundo, o repertório seletivo de "boa música" tocada dos discos de vinil que embalam a conversa dos frequentadores do icônico bar, Pêxi Podi.

O local tem 33 anos de idade e sempre foi movido por música de radiolas. Responsável pelo comando do estabelecimento e pela trilha sonora, o professor de matemática, Lourival Neto, mantém a tradição com sua coleção de três mil LPs (a segunda maior de Imperatriz) que abrange vários gêneros musicais.

O Sibita foi conferir essa relação íntima do Pêxi Podi e a música, confira a entrevista abaixo:

Vanessa Carvalho: O Pêxi Podi é conhecido na cidade, principalmente, pela boa música. Como surgiu a ideia de ter um bar com essa proposta?

Lourival Neto: O Pêxi Podi toca música boa desde que eu era criança e só aumentou o leque com os 3000 discos. Sempre tocou música antiga. Antes tinha uma caixinha com apenas 50 discos.

Nos anos [19]80, a gente nem se preocupava em comprar LPs, eram duas rádios em Imperatriz e em ambas tocava "música boa" o dia inteiro. A partir dos anos [19] 90, quando a música eletrônica foi assumindo uma forma muito forte, nós tivemos que resgatar as trilhas antigas. A questão é que a galera universitária descobriu isso há uns três ou quatro anos. Mas o bar tem 33 anos e sempre funcionou a base da música.

V.C: Aqui no Pêxi Podi, toca de tudo, como forró, MPB, rock e etc. Qual gênero musical é o seu favorito?

L.N: Da adolescência pra cá eu tenho escutado mais rock, mas minha base é a Velha Guarda (músicas dos anos [19]40 ao início de [19]60, ouvi muito por causa do bar.



V.C: Quais são suas bandas e/ou artistas favoritos?

L.N: Tim Maia, Elvira Presley, Beatles, Led Zeppelin, Silvinho e Legião Urbana.

V.C: E de todas LPs da coleção, qual seu preferido?

L.N: O disco V do Legião Urbana, porque marcou minha adolescência. Eu costumava ouvir em Dta ou na rádio.

V.C: Qual banda/cantor foi mais difícil completar a discografia?

L.N: Don Beatles. Guardei o dinheiro, 1.250 reais, por 7 anos e esperei até alguém vir da Europa para trazer o box com os 14 vinis. Completei ans passado, quando um amigo viajou pra Espanha e trouxe. Até fez uma noite só de Beatles no bar.

V.C: Qual o último vinil comprado? E, qual foi o(s) primeiro(s)?

L.N: O último da coleção é um LP triplo que chegou dos Estados Unidos da Dio, uma banda de heavy metal dos anos [19]80. E dos primeiros, o que eu mais lembro é de um box do Bob Dylan dos anos [19]60.

V.C: E por que o nome "Péxi Podi"?

L.N: Essa história é de 1988. Meu pai chamou um amigo dele pra ir pescar e ele disse que não iria. E é difícil fazer tudo sozinho, mas mesmo assim meu pai foi, tinha que trazer os pescados pra dentro de casa e pra vender. Ai ele colocou as redes em cima de uns cardumes e pegou tanto peixe que encheu uma canoa. Quando ele chegou, o mesmo amigo pediu uns peixes e meu pai disse que não ia dar nenhum porque ele não tinha ido pescar. Então, o amigo disse que iria apodrecer tudinho. Péxi Podi. Mas o nome só veio pegar, uns oito anos depois quando os amigos voltaram a frequentar o bar e começaram a chamar de Péxi Podi e foi se espalhando com o tempo.



Curiosidade: o bar não possui uma placa com nome, pois

de acordo com Lourival, o local é feito para "pessoas de

bem" ou de amigos para amigos.



P

Por:

Idayane
Ferreira

Escutou uma expressão por aí e não entendeu patavinas*, ou nem sabe o significado dessa palavra? Tem problema não, aqui você fica por dentro do palavreado imperatrizense de A - B.

*Patavina: coisa nenhuma, nada

A

A

L

A

Aculá- algum lugar.
Agora benhí - a expressão utilizada quando se discorda de alguma coisa. é

V

Amostrar (se) -
exibir-se (pessoa).
Ex.: Fulano gosta muito é de se amostrar.



r

B

Barruar - bater o carro. {Barruado - atropelado}.
Benhí ou (Bi-i) - "lá" esse Geralmente vocabulário é dito com um gesto labial esticando o beijo.



e

a

D

Boróca - mala ou mochila de carregar objetos. Ex.: A minha boróca já tá arrumada.
Brocado - faminto. Ex.: Rapá, a comida num tá pronta não? Tô brocado.

O



Bunitim das tapiocas- ironia sobre quando alguém quer ser melhor que os outros, pode ser substituído por "só quer ser".

Forasteiros

Ixi! Quem bebe da água do Tocantins NÃO VAI EMBORA!

João Martins saiu do sul de Portugal, de uma cidade chamada Algarve e veio para Imperatriz a procura de novas oportunidades e experiências. Aqui conheceu sua esposa e resolveu ficar de vez.

Sua primeira impressão da cidade foi a grande diferença cultural, o trânsito desorganizado também chamou sua atenção.

Quando questionado sobre o que mais gostou na cidade sua resposta é rápida: "O clima! Amo o clima daqui".

Maria Alice Costa saiu de Taubaté-SP e veio para Imperatriz por motivos familiares. a primeira impressão que teve da cidade foi o calor intenso.

Maria é skatista, frequentadora da Praça Mané Garrincha e da Beira Rio. As ruas não pavimentadas são sua maior reclamação quando pratica o esporte.

"O teatro também é muito pequeno, só existe um e não cabe muita gente lá".



POR: RUANN CARLOS

MAPA GIL

CENTRO

Parque Municipal da Saúde

11º Distrito Municipal



Chaves

Rua



- Gonzo Sade

Le Mustas é um gabinete etílico ímpar. Durante o dia funciona como um restaurante caloroso e aconchegante e, à noite e nas tardes dominicais se torna o nosso gabinete, para encher a cara ao sam de vinis nada convencionais. Às vezes rola um churrasco de língua de boi, pimenta alinguçada ou arraia. Às vezes, o amfritião nos serve algum peixe frito ou sobra de galinha ao molho paródo. Não é um lugar pra qualquer um. Tem que adquirir o afeto da família. Se sofrer um coma alcoólico, há um delicioso sofá generoso. Le Mustas é patrimônio sem precedentes e o coração que pulsa no centro da trindade complementada por Bar do Gil e Pêxe Pôdi.

- Klau Damacena

Aberto pontualmente às 11h, de segunda à sexta, os frequentadores do Bar do Gil sabem que vão encontrar cerveja gelada acompanhada da melhor carne de sol acebolada. Fabricia, a garçonete, recebe todos com o mesmo sorriso e vai contando como as coisas funcionam. Se for dia de jogo do Corinthians, time do coração do Gil, o bar é da torcida, pode encontrar os amigos, beber, fumar...

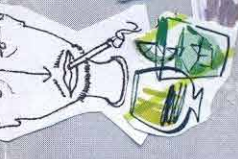
Ken... que curtos e que realmente que, que agradáveis e a UEM... que gosto e vão esperanças. Vou a lugares que mesmo ou vão rápido nos únicos coisas, que mesmo ou vão nessa cidade. Às vezes das coisas, que mesmo ou vão alguma forma, muitas ou surgem daqui, mesmo ou vão acontecem na cidade. Acho que todos conservadores, colar na vizinhança. Acho que todos conservadores, morar por aqui, até os caretinhas de comunidade, e as pessoas têm um bom senso de comunidade, conhecem os loucos, até os bêbados e se respeitam.

Dom Pedroll



- Carlos Leen

O Péxe Fodi é um pequeno butequinho as margens da Praça União, o apelido é antigo e não tenho a menor idéia de onde ele surgiu. Adorei só. Lá não existem tribos, mesmo que de vez em quando apareçam uns índios e ah! Tem uma boa e velha cachacinha temperada para ânimos mais dispostos. Ali metaleiro dança Luc Dug com camisa do Kreator e tudo, forrozeiros "made in Califórnia" curtem Iron Maiden e porra-loucas universitários (as pós-modernas encontram-se para discutir política. Há também a turma da velha guarda, vide Jerry Adriane e Diana, que prefere um carreado pra passar o tempo.



Mustang



Bar do Lorim



Rua Aquiles L. F. Souza



Rua Godofredo Vianna



Rua Monte Castelo



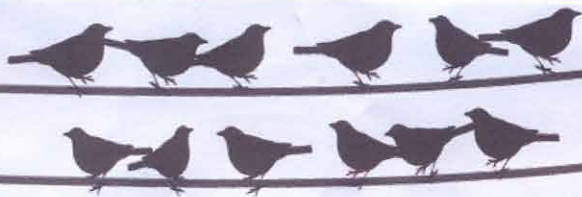
- Paula Lima

O Lorim fica ali na rua do Mustang, descendo pro Péxe. É um bar "de cumprido", bem simples, discreto, tranqüilo e ainda tem a sinuca pra ficar jogando enquanto a gente bebe. Procurando bem nos DVD's até achamos alguns bons exemplares, sem falar que fica perto da universidade que es-tudo, então dá pra ir tranquilamente depois da aula ou no fim da noite, depois de um tour por todos os outros bares.

...ato ou só comprar um refrigerante ou um picolé, pra "matar a ressaca", só não pode misturar as cores das cadeiras.

HISTÓRIAS

que as esquinas contam

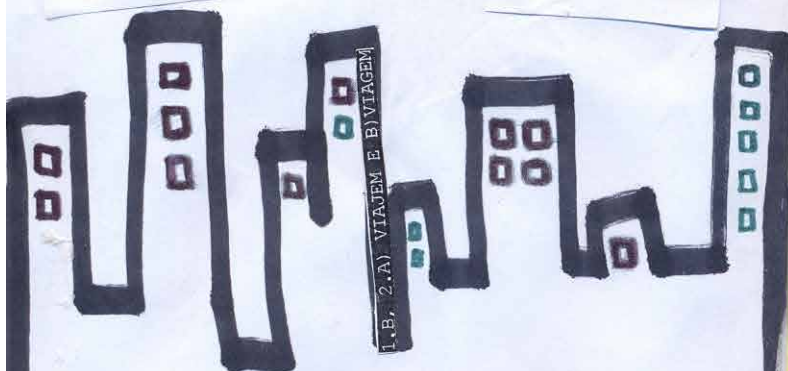


Vanessa de Paula

Andando pela rua XV de novembro, durante uma manhã qualquer encontro uma feira na praça da Meteorologia Dr. Antônio Régis de Albuquerque. Fico em dúvida se os feirantes ou seus clientes que compram frutas e verduras sabem que ali a cidade surgiu. E que nesse local era o Largo da Matriz onde ficava a Igreja Santa Teresa D'Ávila?

Será que sabem que a igreja só mudou dali em 1937, quando foi inaugurado o novo templo?

Acho que não sabem. Eu também não sabia. Minha infância foi visitar essa praça e jamais imaginaria que ali foi onde a cidade começou. Foi perguntando e lendo sobre essas histórias, que não podem ser esquecidas, que descobri como é importante que o passado continue sendo contado, revivido e registrado.



Cor
de
da
Juju



Ye m'm Silva

ILUSTRAÇÃO
+
CULTURA

Raça

Legião de homens negros como a noite
Hoje se reúnem pra dança.
Pois trazem em sua pele
muito motivo pra comemorar!

Ah muito...
Foram abolidos da escravidão.
Já não trabalham mais de graça
igualmente a qualquer outro cidadão.

A cor de sua pele
Simboliza a sedução.
Na dança está o gingado
Que trazem no coração.

Os negros já sofreram
E foram chicoteados.
Mas isso graças a Deus
é coisa do passado!



Hoje saem para as ruas,
E já não são mais apontados.
No passado, eram servidores
Mas, estudaram...
E hoje são mestres e senhores.

Nos navios da imigração
Sofreram sem motivo algum,
Vieram pro Brasil
E trabalharam de norte ao sul.

Na nossa história eles têm grande
participação,
Não só com o trabalho
Mas em tudo que constitui a nação.

Influenciaram nossos cabelos
E nosso modo de andar
Deixaram o Brasil mais belo
E por isso temos que comemorar!

Juju de Sá

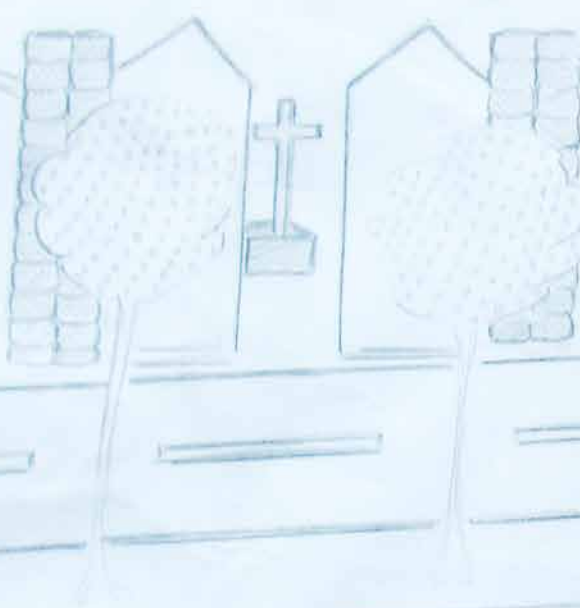


Memórias

por
Regilson Borges

ilustração
Yasmin Silva

Rua XV



Dona Domingas é uma senhora de quase 70 anos, mas de espírito super jovem que mora na Rua XV de Novembro desde criancinha. Ela lembra que seus pais ajudaram na construção da primeira igreja de Imperatriz, a Santa Tereza D'Ávila, carregando pedras nos ombros.

O casarão em que a dona Domingas mora com suas outras seis irmãs já foi um dia o primeiro presídio da cidade.

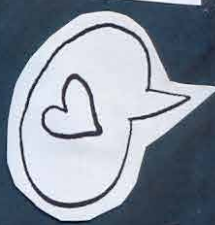
"Quero dizer que a rua sempre foi assim muito comprida e larga. Era a Rua Principal, chamada Rua Grande, depois Rua do Telégrafo, Rua do Fio, depois foi que veio XV de Novembro. E por um decreto municipal, a pedido dos moradores, hoje ela é Rua Frei Manoel Procópio.

SKATE

"É O AMOR DA MINHA VIDA!"

Beatriz, 16 anos

ação



Ñ SE SABE DIZER DONDE VÊM OS SKATISTAS (DONDE SURGEM) É DESSE MODO Q O ESPAÇO URBANO LHE PERTENCE EM TODA PARTE EM TODAS AS DIREÇÕES

VOAR CHÃO

Reuben da CUNHA

Liberdade.

Essa é a sensação que Beatriz Pires, de 16 anos, diz sentir quando está em cima de uma prancha de skate.

O seu ponto de encontro com outros amantes do esporte é a Praça Mané Garrincha, que exala a identidade dos skatistas pelas rampas e na arte do grafite.

Beatriz sempre se interessou por esportes radicais. Desde que começou a andar de skate, há 1 ano, ela é apaixonada. "Eu troquei o namorado pelo skate (risos). O skate te relaxa, desestressa das coisas da vida, chatices que aparecem".

Como para grande parte dos skatistas, a estudante tem a prática como modo de vida. Uma família que se encontra na praça e tem o mundo como segunda casa.

SUFFE NO ALFALTO

É LIVRE.

MOVIMENTO

VOAR

VIDA LOC4

AÇÃO

LIBERDADE.



MANOBRAS RADICAIS



Pessoa que segue a "modinha". Não sabe andar de skate.

POSERI

POR

Rhaysa Navakkenki

O peixe que comi genti

"Ele fica bem no 'razim' esperando o povo chegar perto, de longe tu vê a cabeça dele na água 'reberando' os barcos". Assim começa a lenda do peixe que come gente. E quem conta é dona Maria dos Milagres, 49, sentada na porta de casa. "Agora no tempo de chuva eles 'aparece' mais pra comer, se tu 'for' lá no rio e ficar esperando vai ver uns dois no mínimo".

O peixe que dona Maria nos conta é conhecido como Jaú ou Jaupoça. É comum em rios e riachos de água doce. Uma espécie adulta pode chegar até 1,5 de comprimento e 110 quilos. É um dos maiores peixes de água doce encontrado no Brasil.

Segundo o biólogo da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), em São Luís, Carlos Henrique Costa, todo o misticismo sobre o peixe é por conta de seu tamanho e seus hábitos alimentares. "É uma espécie de peixe grande, com boca proporcional ao seu tamanho. Ele também se alimenta de outros peixes. A lenda provavelmente surgiu aí, devido ao tamanho".

Deusimar Pereira de Sousa é pescador há mais de 40 anos nos arredores do Rio Tocantins. Sustenta a esposa e os sete filhos com a renda obtida da pesca. Sobre o Jaú, Deusimar diz que sempre teve medo. "'Rapá', esse peixe aí é nojento, seu ninguém pesca ele 'sozim' não. Tem que ter pelo menos uns dois".

Dona Maria, nossa primeira personagem, disse que teve um caso de ataque de Jaú na família. "Ele mordeu o braço de um primo meu, e o veneno se espalhou pra 'riba' que chega ficou troncho".

O biólogo afirma que com lenda ou não, o Jaú está na lista dos peixes ameaçados de extinção. "Principalmente durante a piracema (época de desova de peixes, onde é proibido a pesca com rede) grande quantidades de peixes dessa espécie são capturados predatoriamente, isso diminui significativamente o número de exemplares dessa espécie".

Fernando Aquino

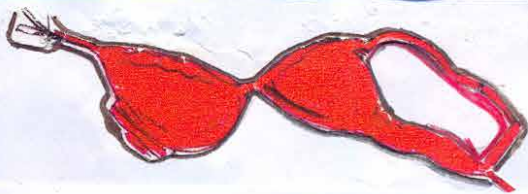
Dezembro a cidade (Crônica)



No **Camelódromo** da cidade, na Rua Coronel Manuel Bandeira, duas meninas de mais ou menos 16 anos voltavam de uma festa ali perto. Atravessaram a rua e foram sentar-se em um dos bancos do local. Estavam à espera de um táxi. Olhando ao redor notaram que não estavam sozinhas. Encostada em uma das toras de madeira estava uma mulher.

Ela era alta, pele morena, cabelos negros e compridos. Usava um vestido rosa cheio de brilho. Estava de costas e falava ao telefone. Parecia muito bonita. Uma das garotas levantou-se, ia pedir informações. Mas antes que o fizesse, o farol de um carro que vinha devagar, cegou seus olhos. Quando deu por si já estava no chão. Alguém a empurrara.

Debruçada sobre a janela do carro uma mulher de cabelos pintados de um loiro platinado, usava um salto muito fino, do tipo agulha. O vestido preto, curto e muito apertado acentuava o seu sobrepeso. Após o que parecia ter sido uma conversa, o vidro do carro se fecha e o veículo parte veloz. A mulher visivelmente irritada sai pisando firme e rumo para a esquina do quarteirão.



Enquanto a garota era empurrada, o carro parava e a mulher loira conversava com o motorista, a morena do telefone observava tudo. Na verdade era uma travesti. As garotas encolheram-se no banco muito assustadas. Afinal de contas o que estava acontecendo ali? O que tinha dado naquela mulher louca?

- Engraçado vocês. Tão ingênuas! Essa cidade tem muitos lados. Alguns deles só são visíveis essa hora. Vocês ainda não perceberam? Aqui é ponto.

A travesti lhes falou entre gargalhadas. As duas entreolharam-se assustadas, tanto pelas palavras quanto pela aparência da "mulher" a sua frente. Aquilo só podia ser piada. Ponto? Ponto de que? Prostituição? Mas ali era ponto de ônibus, pelo menos até as 23:00 h.

Quando iriam retrucar, avistaram um táxi. Imediatamente fizeram sinal e o carro parou. A princípio o motorista as olhou de uma forma insinuante e mal intencionada. As duas em uníssono disseram: - Moço, não somos prostitutas. Dá pra parar de nos olhar desse jeito? Entraram no táxi e seguiram seu destino. Aquela foi uma noite de descobertas sobre a cidade que jamais esqueceriam.

Chegando em casa visivelmente nervosa, umas das garotas encontra o irmão no sofá da sala. - Moço do céu, nem te conto o que me aconteceu!



Thayná
Freire

C
O
D
O
C
E
U

A língua falou, tá falado!!!

Elas estão em todos os lugares, inclusive aqui. Quando sofrem alterações dificultam as nossas vidas, pois a usamos quase como o ar que respiramos.

Sabe do que estamos falando?



LÍNGUA

Teste seu conhecimento.

Marque a alternativa correta:

- A) Você sabe "onde" eles foram ontem depois do jantar?
- B) "Aonde" você vai usando essa roupa?
- C) Ainda não sei "onde" iremos.
- D) "Aonde" está o vestido que te dei?

Complete a frase com a palavra correta:

- Viagem com G ou com J
- A) Não é bom que vocês _____ com chuva.
- B) A _____ para Espírito Santo foi ótima!

Encontre as respostas em alguma parte do ZINE

Danielly Daissak
Leticia Holanda



corporações."

alterar

um novo ar de

Cinema

no cinema

CAÇÃO



IMPERATRIZ

Para deixar os amantes de um bom filme empolgados. O ano de 2014 foi suuuuuuuuuuper maneiro. Desabrouchou uma sala de exibição alternativa, um tal de **ESPAÇO CULTURA**. E o **CINEMA NO TEATRO** completou 14 anos.

TEATRO? Um lugar pouco provável pra ver filmes. Mas, em Imperatriz, o palco do teatro Ferreira Gullar vira **CINEMA** todas as segundas-feiras, a partir das 19h.

Oxe! Mas, pra que o espanto? Se até o que já foi mar virou sertão. "Aaavaliiii" o teatro virar cinema. (rs).

Então, brincadeiras à parte, vamos tratar de coisa teoricamente <séria>

Tá afim de assistir grandes obras cinematográficas e não se sente representado pelos cinemas comerciais da cidade?

Pois você já tem os endereços certos para conhecer os melhores espaços de apreciação de filmes alternativos, que estão longe, muito longe do cenário comercial de cinema, maaaaas com exibições garantidas e **GRATUITAS** nas telonas do **CINEMA NO TEATRO**

e do **ESPAÇO CULTURA**, que chegou de mansinho, ocupando o local do antigo cinema Timbira. Lá as exibições são todas as sextas-feiras e sábados. Mas, é sempre bom ficar de olho no site: www.projetoespacocultura.com



Muiraquitã, VOOOOOOLTA!!!

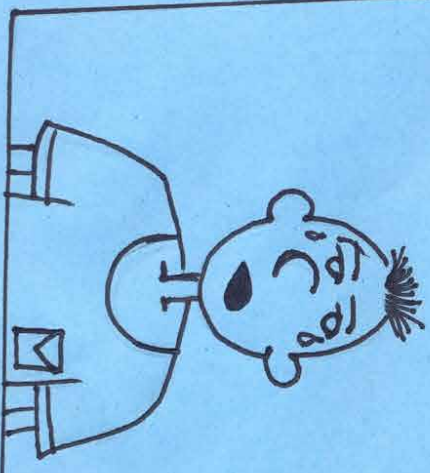
Já o **CINE MUIRAQUITÃ**, uma sala de cinema na UFMA, promete voltar com as sessões em 2000 e sabe quando. "A única coisa que falta é um monitor que se habilite para garantir as exibições dos filmes", afirma, o diretor da UFMA Imperatriz, e idealizador do projeto Cine Muiraquitã, Marcos Fábio <Belíssimo> Matos.



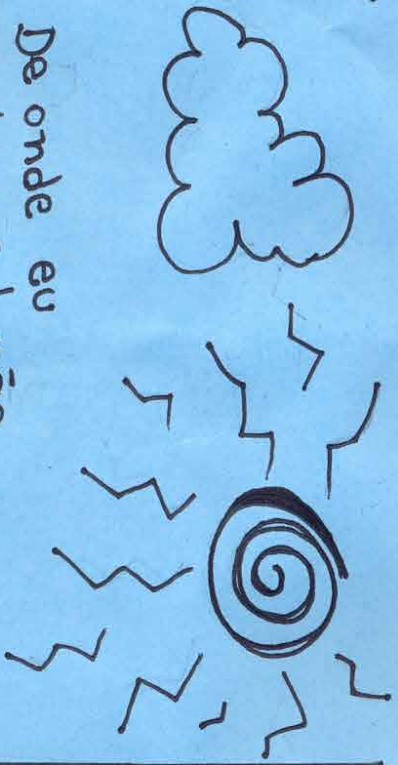
E aí, quem se habilita?

por Lanna Luiza

Imperatriz é uma cidade muito bonita.



De onde eu venho o sol não brilha tão forte assim. Não tem esse calor acorcheicante...



Adoro o clima daqui.

